

Empresários criticam Banco Central

Da Redação

Com agências Folha e Estado

André Corrêa 13.1.99

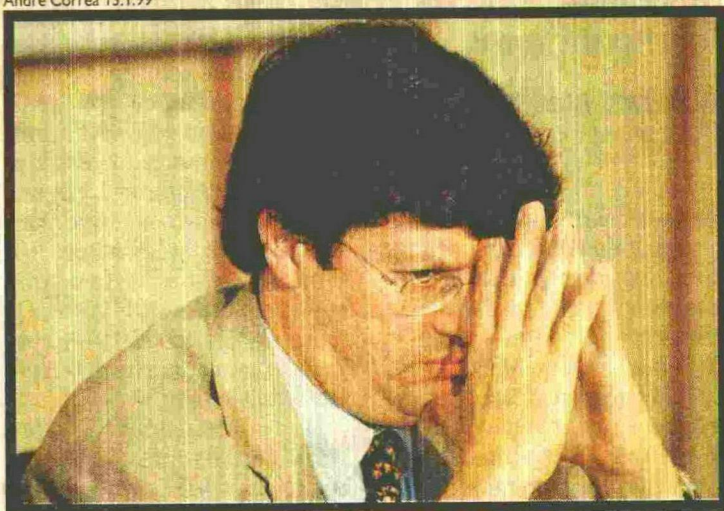
A reação negativa de parte do mercado financeiro à decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de manter a taxa básica de juros (Selic) em 18,5% ao ano repetiu-se no empresariado. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) criticaram o "excesso de conservadorismo" do Banco Central.

Fiesp e CNI divulgaram notas afirmando que a inflação em queda e a desaceleração da atividade econômica permitiam uma redução de pelo menos 0,25 ponto percentual na taxa de juros. Para o coordenador de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, o Copom frustrou as expectativas do mercado pela terceira vez consecutiva. Na sua avaliação, um sinal positivo em relação às taxas de juros seria importante para conter o pessimismo.

"O mercado internacional quer sinalização clara de que nós temos confiança em nossa economia. E uma redução, por menor que fosse, estaria criando uma percepção positiva", observou o presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva. Essa falta de percepção positiva é um dos fatores que tem afetado os postos de trabalho oferecidos pelo setor. O número de empregos na indústria brasileira caiu 1,8% em abril deste ano em relação ao mesmo mês do ano passado. No acumulado de janeiro a abril, a redução é de 1,9%.

Segundo a economista Isabela Nunes Pereira, do Departamento de Indústria do IBGE, a evolução do emprego na indústria é coerente com o desempenho da produção no setor industrial, que, em abril, teve aumento de 6%, em relação a março. Por isso, o número de postos de trabalho cresceu 0,4% nesse curto período.

Normalmente, os reflexos do crescimento da produção no nível do emprego demoram a aparecer e só são substanciais quando se consolida a tendência de expansão industrial, o que ainda não aconteceu. Em abril, o IBGE verificou aumento do nível de ocupação em 11 das 14 re-



PIVA PEDE SINALIZAÇÃO DE QUE GOVERNO CONFIA EM NOSSA ECONOMIA

giões pesquisadas. Os maiores níveis de contratação foram verificados nos Estados de Minas Gerais (1,2%) e São Paulo (0,6%).

DESEMPENHO RUIM

O pior desempenho foi o da indústria do Rio de Janeiro, na qual o nível de emprego teve queda de 1,1% em abril. O resultado foi o que mais influenciou negativamente o índice geral. Embora o Rio tenha registrado o maior crescimento da produção industrial em abril, tal desempenho não contribuiu para o nível de emprego do Estado. De acordo com Isabela Nunes, isso acontece porque o crescimento aconteceu principalmente na atividade extrativa-mineral (petróleo e gás, basicamente), que não se caracteriza como um setor intensivo em mão-de-obra.

De acordo com a pesquisa do IBGE, o valor da folha de pagamento na indústria cresceu 0,9% no mês de abril, em relação a março. Na comparação com abril do ano passado, entretanto, a queda no total de salários pagos foi de 2,4%. De janeiro a abril deste ano, os salários acumulam queda de 2,9%. O valor médio da folha de pagamento (total dividido pelo número de empregados) também acumula redução neste ano, de 1%. Neste quesito, o pior desempenho é o de São Paulo, onde o valor médio da folha caiu mais de 2% este ano. O melhor é o do Rio de Janeiro, com crescimento de quase 6%. No número de horas pagas pela

indústria, os números seguem a mesma tendência. Houve aumento pequeno, de 0,4%, em relação a março, e queda de 2,3% na comparação com abril do ano passado. No acumulado do ano, o número de horas pagas caiu 2,6%.